



A HOMOAFETIVIDADE MASCULINA ATRAVÉS DOS PRONTUÁRIOS DO HOSPÍCIO NACIONAL DE ALIENADOS – RIO DE JANEIRO (1890-1910)

Estevão Silva de Oliveira¹

Resumo

O presente trabalho, desenvolvido junto à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, buscou investigar vestígios da homoafetividade masculina na cidade do Rio de Janeiro através da análise dos prontuários do Hospício Nacional de Alienados, tendo como recorte temporal as décadas iniciais da República Velha, entre os anos de 1890 a 1910. A busca por esta temática procurou resgatar a voz de sujeitos que ficaram, internados em instituições psiquiátricas e tiveram suas vidas esmiuçadas pelo poder médico-estatal em uma época na qual a ideologia burguesa do higienismo se fazia cada vez mais presente no cotidiano da sociedade. Ao mesmo tempo que a antiga força repressora da religião perdia, gradativamente, espaço para um discurso embasado na ciência, mas que não deixava de exercer influências e, que ainda moldava, tanto os discursos políticos, acadêmicos e da moralidade pública. O uso de fontes para a produção do artigo contemplou a análise de livros de entrada de pacientes masculinos, prontuários médicos e fichas dos internos que passaram pela principal instituição psiquiátrica do Brasil na virada do século XIX para o XX. Esses documentos se tornaram importantes fontes para desvendar partes de uma conjuntura que levou uma minoria da sociedade a sofrer experimentos em um período inicial dos estudos psiquiátricos.

Palavras chave : Homoafetividade, loucura, prontuários.

Introdução

Investigar vestígios da história de sujeitos homoafetivos, na cidade do Rio de Janeiro, na virada do século XIX para o XX, mostrou-se um grande desafio, isso porque, mesmo após as profundas transformações sociais e culturais que se processaram desde meados do século XX que culminaram em discussões mais profundas sobre temáticas como gênero, sexualidade e a emergência do movimento LGBTQ+², sua maior visibilidade e luta por direitos, o assunto ainda é desencadeador de tabus, silêncios e preconceitos. O que não imaginar na tentativa de se resgatar vivências de uma época em que ser um sujeito com uma sexualidade diversa da predominante era considerado, de acordo com a ótica dominante, pecador, criminoso e até um doente. Utilizando-me dos conhecimentos de Foucault:

¹ Mestrando do Programa de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP – SP, estevaoso@outlook.com; Bolsista CNPQ.

² Trata-se uma sigla utilizada para designar as variadas expressões da sexualidade e gênero.



“(…) Século XVII: seria o início de uma época de repressão própria das sociedades chamadas burguesas, e da qual talvez ainda não estivéssemos completamente liberados. Denominar o sexo seria, a partir desse momento, mais difícil e custoso. Como se, para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível. (...)”³

O desafio ora aludido não estava apenas na distância temporal que naturalmente impossibilita ouvir diretamente e pessoalmente a história narrada dos sujeitos envolvidos e ter um contato mais próximo com o objeto, mas também, pela escassez das fontes, que pelos mais variados motivos, foram manipuladas e silenciadas no momento em que foram produzidas ou mesmo através da passagem do tempo pelo olhar, interesses e discursos das mesmas elites que outrora os incriminavam e taxavam de doentes, por exemplo.

Este desafio revelou-se extremamente estimulante, pois possibilitou a compreensão de como esses sujeitos vivenciavam e reinventavam seu cotidiano em meio a toda a ideologia, controles e repressões criados para disciplinarem as suas vidas. Isso porque estávamos e ainda vivenciamos boa parte dos interesses de uma sociedade que sempre privilegiou o padrão heteronormativo como o ideal e que sempre buscou ofuscar quaisquer manifestações contrárias a esse padrão, portanto, o objetivo principal foi encontrar vestígios da homoafetividade masculina através dos prontuários médicos do Hospício Nacional de Alienados, esmiuçar resistências e ações dos pacientes frente a uma Instituição criada com o objetivo de esconder, dos olhos da multidão, sujeitos considerados inadequados ao ideal civilizador que o país incorporava. Também buscou-se encontrar discursos repressivos dos grupos dominantes.

Metodologia

A metodologia utilizada se debruçou nos ensinamentos de Michel Foucault no que tange a possibilidade de descortinar discursos repressivos de uma determinada sociedade, como estes discursos se encontram, se reinventam, se reconstróem, independentemente da época ou dos grupos dominantes com a finalidade de manterem sua hegemonia perante o restante da

³ FOUCAULT, M. História da Sexualidade. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999. p. 21.

sociedade. De seus escritos priorizou-se as obras “História da Sexualidade – a vontade de saber”; “História da Loucura” e “A Ordem do Discurso – Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970”, entre outros trabalhos.

Buscou-se também em pautar-se em fases complementares, tendo como foco central a técnica instituída nas ciências sociais e humanas, como análise documental.⁴ Importante destacar que se trata de uma pesquisa documental cujo estudo demandou uma trajetória específica para a construção dos parâmetros de análise. Esta trajetória contou com fases distintas de busca, seleção e análise.

Fase 1 – Identificação e seleção de referências, valendo-se de livros, dissertações e teses, nacionais e internacionais. Partindo deste pensamento foram destacadas algumas referências fundamentais: “Devassos no Paraíso”, de João Silvério Trevisan⁵, publicado inicialmente nos anos de 1980 com atualizações nos anos seguintes. Esta obra é considerada uma das pioneiras a tratar a homoafetividade brasileira abrangendo um tempo cronológico extremamente extenso, traçando análises desde o período colonial até as últimas décadas do século XX. Outro fundamental apoio metodológico foi a obra “As Outras Cariocas” de Carlos Figari⁶, trabalho que tece um panorama das formações ideológicas que contribuíram para “controlar” a homoafetividade entre os séculos XVII ao XX, demonstrando as relações entre dominantes e dominados. No campo das ideologias do século XIX, a obra de Lilia Moritz Schwarcz em “O Espetáculo das Raças”⁷ ajudou a compreender a relação entre ciência e Estado na repressão aos sujeitos considerados indesejados, entre outros trabalhos.

Fase 2 – Levantamento, identificação e seleção dos relatórios e prontuários médicos produzidos pelo Hospício Nacional de Alienados, além de levantamento, identificação e seleção de relatórios dos diretores do hospício em posse do Arquivo Nacional, localizado na cidade do Rio de Janeiro.

⁴ SANTOS, A. R. dos. Metodologia Científica: a construção do conhecimento . 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

⁵ TREVISAN, J. S. Devassos no Paraíso. A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

⁶ FIGARI, C. As Outras Cariocas. Interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro – Séculos XVII ao XX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

⁷ SCHWARCZ, L. M. O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Desenvolvimento

Ao longo dos tempos, o poder repressor sempre buscou meios de controlar todos os indivíduos que não se adequavam a um padrão social delimitado pelos detentores do poder e, no Brasil, essa situação não foi diferente. Ainda no Período Regencial, os intelectuais da Academia Imperial de Medicina, localizada na cidade do Rio de Janeiro já começavam as discussões acerca da necessidade da criação de uma instituição, aos moldes das europeias, que pudesse abrigar toda uma população negligenciada e marginalizada das ruas da cidade, como os considerados loucos, pobres de um modo geral, bêbados, prostitutas, indivíduos sem ocupação e sujeitos com a sexualidade diversa da moral vigente⁸.

Depois de acaloradas discussões o projeto para a criação de um hospital capaz de “cuidar dos doentes das mentes” ganhou forma e finalmente em 1852 foi inaugurado às margens da Enseada de Botafogo o Hospício Pedro II⁹, o primeiro do Brasil destinado a este propósito. Isso porque os considerados doentes mentais, até então, viviam ou livres pelas ruas, sobrevivendo de esmolas e da caridade dos moradores da cidade, outros sendo cuidados pelos próprios familiares e, nos casos considerados mais graves, encaminhados às dependências da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

Em seu primeiro ano de funcionamento o hospício já teve sua capacidade de atendimento esgotada, demonstrando o claro desejo das autoridades em retirar do convívio social os sujeitos considerados indesejados.

Paralelamente, a criminalização da sodomia havia ficado para trás. O período colonial tratava os sujeitos sodomíticos como criminosos e pecadores que cometiam crime de lesa majestade¹⁰. A independência do Brasil em 1822, a Constituição Monárquica de 1824 e o Código Penal de 1830 haviam retirado a sodomia dos crimes de lesa majestade em uma tentativa

⁸ CUNHA, M. C. P. Cidades da Ordem. A doença mental na República. São Paulo: Editora Brasileira, 1989. p. 16.

⁹ COSTA, J. F. História da Psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006. p. 34

¹⁰ TREVISAN, J. S. Devassos no Paraíso. A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 164.

de alinhar a jovem nação aos ideias iluministas em voga em parte do território europeu e o Código Civil Napoleônico, considerados símbolos da modernidade.

Aparentemente, a partir do período imperial, os sujeitos homoafetivos não seriam mais perseguidos como fora outrora, mas o poder repressor contra os marginalizados não deixou de exercer influências e passou a se debruçar principalmente nas sexualidades consideradas desviantes. O rigor da lei passou a enquadrar esses sujeitos em crimes “contra a moral e aos bons costumes”, desde que o ato fosse praticado em público, mesmo assim uma sociabilidade entre sujeitos homoafetivos era percebida e vivenciada, principalmente na região central da cidade.

Com a visibilidade cada vez mais evidente desses sujeitos, intelectuais passaram a escrever dissertações que abarcavam temas que enxergavam nas sexualidades consideradas diferentes como algo impróprio, inadequado. Um desses intelectuais foi o médico Francisco Ferraz de Macedo com a tese “Da Prostituição em geral, e em particular em relação à cidade do Rio de Janeiro: prophylaxia da syphilis”¹¹ defendida em 1873 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ferraz de Macedo defendia a ideia de que a pederastia estava disseminada na cidade em razão das mudanças processadas na capital e na própria sociedade, chegando a compará-la não apenas à prostituição, mas a uma planta parasita que se alimentava da imoralidade e do crime para se perpetuar¹².

Em paralelo à defesa de sua tese, a medicina brasileira absorvia as principais influências do Velho Continente, principalmente dos teóricos franceses que buscavam na psiquiatria soluções para controlar uma gama de indivíduos considerados indesejáveis perante os poderes constituídos. No Brasil, a psiquiatria se tornou uma disciplina da medicina ainda no final do governo imperial marcando uma gradativa mudança no trato com os doentes mentais do Hospício Pedro II¹³.

¹¹ MACEDO, F.F. de. Da Prostituição em Geral, e em particular em relação à cidade do Rio de Janeiro: prophylaxia da syphilis. FMRJ, 1873. 203f. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1873.

¹² MACEDO, F.F. de. Da Prostituição em Geral, e em particular em relação à cidade do Rio de Janeiro: prophylaxia da syphilis. FMRJ, 1873. 203f. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1873. 69 e 83.

¹³ MEDEIROS, M. de. “Centenário do Edifício Sede da Universidade do Brasil”. In: Jornal Brasileiro de Psiquiatria, (II), 1952, p. 190.

A mudança do regime político processado em novembro de 1889 com a ascensão dos republicanos ao poder marcou também uma mudança no trato dos sujeitos considerados indesejados. A começar pela nomenclatura do próprio hospício que passou a ser denominado de Hospício Nacional de Alienados. Neste momento, o hospício já contava com o médico psiquiatra Teixeira Brandão¹⁴ como diretor e com a substituição gradativa dos antigos gestores da Santa Casa de Misericórdia que eram os responsáveis pelo hospício até então.

Durante o período republicano ocorreu um recrudescimento às perseguições aos sujeitos considerados indesejados, em nome do desejo de se criar uma “grande pátria”, com apenas os considerados aptos na contribuição ao engrandecimento do país. Ainda neste recorte temporal ocorreu um aumento das internações tanto no prédio principal do hospício quanto nas colônias espalhadas pela cidade que respondiam ao Hospício Nacional de Alienados. Temos ainda, o aumento em mais de 600% da pena de prisão aos sujeitos que cometessem contra à moral e aos bons costumes, rebatizado com a Constituição de 1891 de crimes de atentados ao pudor.

O início da Era Republicana contribuiu para o alargamento das discussões sobre as sexualidades com nomes do campo do direito como Viveiros de Castro e seu livro denominado “Atentados ao pudor – Estudos sobre as aberrações do instinto sexual”, publicado originalmente em 1895¹⁵. Na área médica, encontramos, por exemplo, Pires de Almeida com a publicação do trabalho denominado “Homossexualismo – A libertinagem no Rio de Janeiro -, estudos sobre as perversões e inversões do instinto genital, publicado em 1906¹⁶, por exemplo.

Percebemos nas obras aqui levantadas que assim como o médico Ferraz de Macedo, os discursos empregados por Viveiros de Castro e Pires de Almeida, mesmo obedecendo uma relativa distância histórica, são semelhantes, demonstrando a tentativa de se perpetuar um discurso hegemônico de repressão aos sujeitos considerados indesejados.

Neste aspecto, há um ponto que não podemos negligenciar ao observar a produção dos discursos da intelectualidade brasileira, nesta virada de século XIX para o XX, a tentativa de se

¹⁴ João Carlos Teixeira Brandão foi o primeiro médico psiquiatria a dirigir o antigo Hospício Pedro II, no final do Período Imperial, trazendo mudanças no trato com os pacientes em comparação as direções anteriores que estavam a cargo dos diretores da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

¹⁵ CASTRO, F. J. V. de. Atentados ao Pudor: Sobre as aberrações do instinto sexual. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1895.

¹⁶ ALMEIDA, J. R. P. de. Higiene Moral – Homossexualismo (A libertinagem no Rio de Janeiro). Estudo sobre as perversões do instinto genital. Rio de Janeiro: Laemmert e Co., 1906.

criar uma unidade discursiva em torno das sexualidades e, de certa forma, reprimir, controlar e dominar todos os marginalizados com as suas retóricas.

Conforme Foucault:

“(…) Em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (...)”¹⁷

Analisando especificamente as obras dos médicos Ferraz de Macedo e Pires de Almeida e do professor criminalista Viveiros de Castro, percebemos a construção de uma unidade discursiva que se criava no Brasil em torno da assim denominada pederastia e toda a articulação para se dissipar essa prática, na tentativa de moldar tais sujeitos a um projeto de nação.

Tanto Pires de Almeida quanto Ferraz de Macedo classificavam a pederastia como uma doença, uma chaga, um mal que atacava as famílias e provocava danos irreparáveis, mas havia uma diferença básica nestes discursos. Enquanto Ferraz de Macedo comparava a pederastia a uma câncer, a um veneno, infectando a honestidade e a dignidade social que assolava os dignos habitantes do Rio de Janeiro¹⁸, Pires de Almeida e Viveiros de Castro já a enquadravam como uma doença psiquiátrica.¹⁹

Foi a partir do século XIX que a então pederastia supostamente retirada dos crimes de lesa majestade, passou a ser enquadrada, como dito anteriormente, como um crime contra a moral e aos bons costumes para alguns sujeitos e, para outros como uma doença, um mal psíquico que deveria ser tratado em instituições apropriadas, neste caso, em hospitais

¹⁷ FOUCAULT, M. A Ordem do Discurso. Aula inaugural no College de France. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 8.

¹⁸ MACEDO, F.F. de. Da Prostituição em Geral, e em particular em relação à cidade do Rio de Janeiro: prophylaxia da syphilis. FMRJ, 1873. 203f. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1873. p. 83-108 e 114.

¹⁹ ALMEIDA, J. R. P. de. Higiene Moral – Homossexualismo (A libertinagem no Rio de Janeiro). Estudo sobre as perversões do instinto genital. Rio de Janeiro: Laemmert e Co., 1906. p. 165. CASTRO, F. J. V. de. Atentados ao Pudor: Sobre as aberrações do instinto sexual. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1895. p. 279.

psiquiátricos. A partir de então, o sujeito atacado por pederastia ou homossexualismo²⁰ além de continuar a sofrer o peso da moral religiosa, continuava a ser enquadrado como um criminoso e, agora, cada vez mais, como um sujeito atacado por uma doença provocada por fatores endógenos ou exógenos.

Resultados

Interessante notar que durante o levantamento das fontes realizadas no Instituto Municipal Nise da Silveira (IMNS) e no Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil (IPUB), ambos localizados na cidade do Rio de Janeiro, não foram localizados nenhuma internação exclusivamente por pederastia, uranismo, homossexualismo, perversão ou inversão sexual, ou quaisquer outra denominação semelhante. Nos diagnósticos principais dos pacientes do sexo masculino no recorte temporal proposto há indicação de inúmeras outras moléstias, mas curiosamente esse fato não indica que o principal hospital psiquiátrico do país não adotasse uma política de internação em razão dos supostos desvios sexuais de seus pacientes, mas uma análise mais detalhada acerca dos relatos médicos de alguns prontuários e registros de observação de paciente nos mostrou que a descrição da pederastia e de seu “comportamento inadequado” era detalhado nas linhas de tais documentos, algumas vezes até mais revelador do que a própria suposta doença que “oficialmente” determinou sua internação.

Como exemplo destes registros médicos encontramos o paciente D.M., branco, de 26 anos, solteiro, empregado público que deu entrada no Pavilhão de Observação do Hospício Nacional de Alienados em julho de 1905 com diagnóstico de Syphilis cerebral segundo a observação médica. Todos os pacientes que chegavam ao Hospício Nacional de Alienados eram encaminhados ao Pavilhão de Observações, um setor dentro da própria Instituição cujo objetivo era além de observar, examinar e diagnosticar a moléstia dos pacientes com a finalidade de segmentar lhes na internação, também tinha como objetivo colher informações pessoais e antecedentes familiares. O paciente D. M ficou em observação por um período de 39 dias, conforme documento de observação do paciente, fato incomum para os pacientes e para o

²⁰ Durante o século XIX foram criados termos para designar sujeitos que se relacionavam com pessoas do mesmo sexo. Além do termo sodomita utilizado durante todo o Período Colonial brasileiro, durante o século XIX termos como pederastia, uranismo e homossexualismo passaram a compor o rol de classificações. Especialmente sobre o homossexualismo, esta designação foi criada por um médico húngaro Benkert em 1869 e adotada oficialmente no Brasil pelo médico Pires de Almeida, apesar de outros especialistas já a utilizarem de forma esporádica.

próprio Pavilhão de Observação que em razão da alta demanda e rotatividade geralmente o prazo máximo de observação girava em torno de 15 dias.

Observando o relatório médico e sua resenha sintomática, os responsáveis pelo laudo diagnosticaram-no com infecção sífilítica, uma vez que o mesmo possuía insônias, alucinações visuais, incoerência de ideias comprometimento da memória, cancos e cicatrizes na região genital, além do relato do próprio paciente que há havia tratado desta moléstia anteriormente, mas o que intrigou e demonstrou interesse dos médicos foi justamente seu comportamento e sua sexualidade considerados impróprios pela visão médica e social da época:

“(…) crises frequentes de pranto, infecção syphilitica datando da época que o doente não precisa, mas que nos leva supôr ter sido na adolescência, syphilis cerebral; insônias; alucinações visuaes, hábitos onanistas e pederastas; espirito impudico, incoherencia de ideias; reflectibilidade exaltadíssima. Emotividade exagerada (...)”²¹

Por sua vez, no delinear do relato médico identificamos que o paciente também sofria uma grande tristeza, principalmente quando os médicos o inqueriam sobre sua família, mas os próprios especialistas não conseguiam ao certo identificar de onde surgia esta melancolia. A fonte não especifica os reais motivos da tristeza, se provocada realmente por falta que sua família fazia, se pela doença ou pela internação, mas o paciente, segundo relato médico, sentia muito receio do futuro. Essa tristeza era intercalada por gargalhadas que o faziam falar e, neste momento, os médicos conseguiam absorver mais informações sobre sua vida a ponto de classifica-lo como um imoral, composto por um espírito pervertido com impudor próprio dos degenerados.

“(…) O doente logo no começo, ás primeiras perguntas, debruhou-se puerilmente em copiosas lagrimas, o que demais se repetiu por muitas vezes durante a observação, ora extemporaneamente ora quando a inquerito pendia sobre o que lhe fazia lembrar os seus, a sua familia, testemunhando o estado exagerado de seu sentimento melancólico, doentio. Perguntando sobre o motivo de seu pranto responde desoladamente que não o sabe explicar. Em compensação, por vezes

²¹ Livro de registro de pacientes masculino nº 77, Pavilhão de Observação. IPUB, 1905. p. 168-174.

outras e não raras, torna-se galhofeiro, ri-se gostosamente prende-se á palestra com satisfação, entregando-se então ás manifestações immoraes de seu espirito pervertido com impudor proprio dos degenerados (...)”²².

Infelizmente os detalhes do que o paciente relatou aos médicos do Pavilhão de Observações do Hospício Nacional de Alienados não foram transcritos na fonte que chegou aos dias atuais, possivelmente, e por alguns momentos o paciente deve ter deixado preciosas informações sobre seu cotidiano, mas em razão da moral da época os médicos apenas classificaram-no como pederasta, imoral e pervertido já nos demonstrando como a homoafetividade e os sujeitos que a praticavam eram enxergados pelos poderes constituintes. Mas, através de um pista relatada pelo paciente e transcrita pelos médicos foi que o interno desde a adolescência contraiu diversas moléstias sexualmente transmissíveis o que fez o grupo médico supor que o mesmo tivesse um comportamento pervertido totalmente contrário a ideologia médico-higienista e burguesa que apregoava uma sexualidade heteronormativa e monogâmica para o “bom e sadio desenvolvimento da nação”. Ao mesmo tempo, podemos enxergar que uma sociabilidade homoafetiva era mais frequente e vivenciada, principalmente pelos homens que sentiam atração por outros homens, mesmo com toda a repressão existente.

Portanto, internações com o diagnóstico “pederastia” e suas demais variações não foram encontradas nos livros de entrada, tampouco nos prontuários médicos do Hospício Nacional de Alienados, na virada do século XIX para o XX. Isso não significa dizer que não haviam internos homoafetivos nos corredores do maior hospício brasileiro. Eles estavam lá, muitos encaminhados por seus próprios familiares, outros pela ação da polícia do Distrito Federal e, também, por força dos próprios especialistas aqui relatados que denunciavam que em muitos casos a pederastia era sinônimo de loucura e deveriam receber tratamentos adequados em instituições com esta finalidade. A moral da época, como estes próprios especialistas apontam em seus estudos, negligenciava e proibia o discurso de algo considerado tão repugnante como as diversas sexualidades.

Considerações Finais

²² Livro de registro de pacientes masculino nº 77 , Pavilhão de Observação. IPUB, 1905. p. 168-174.

A abertura, nas ciências humanas, para os estudos sobre as sexualidades, principalmente a partir dos anos 1980, demonstraram o quão são importantes estudos, debates e pesquisas acerca deste tema. Na esteira deste bojo se abriu uma gama de possibilidades para que o historiador pudesse se debruçar e expandir o leque de conhecimentos acerca do seu objeto.

O campo das sexualidades, por ser relativamente novo para o historiador, possibilitou a compreensão de vivências e experiências que até então estavam escondidas para o especialista em humanidades. Temos alguns estudos sobre a homoafetividade no período colonial e, principalmente sobre a emergência do movimento LGBTQI+, mas carecem ainda estudos mais profundos que enfoquem a homoafetividade, principalmente durante o período Imperial. Perguntas como: onde estavam estes sujeitos, o que eles faziam, como era o seu cotidiano, qual a ação das elites repressoras perante a esses sujeitos? Algumas perguntas necessárias para que possamos compreender melhor a atividade desses indivíduos. Sabemos que trata-se de um trabalho complexo, uma vez que a moral vigente muitas vezes escondia, renegava e tentava apagar qualquer menção as sexualidades consideradas desviantes, mas de extrema importância para a compreensão da pluralidade e diversidade da sociedade, principalmente em uma época como a atual que persiste em repetir os preconceitos e erros do passado.

Referências

I - Bibliografia

ALMEIDA, J. R. P. de. **Higiene Moral – Homossexualismo (A libertinagem no Rio de Janeiro). Estudo sobre as perversões do instinto genital.** Rio de Janeiro: Laemmert e Co, 1906.

CASTRO, F. J. V. de. **Atentados ao Pudor: Sobre as aberrações do Instinto Sexual.** Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1895.

COSTA, J. F. **História da Psiquiatria no Brasil. Um recorte ideológico.** Rio de Janeiro. Editora Garamond, 2006.

FIGARI, C. **As Outras Cariocas. Interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro – Séculos XVII ao XX.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade.** 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

_____. **A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France.** 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. **História da Loucura na Idade Clássica.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

SANTOS, A. R. dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento** . 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SCHWARCZ, L. M. **O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil (1870-1930).** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso. A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.** 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

II – Teses

MACEDO, F. F. de. **Da Prostituição em Geral, e em particular em relação à cidade do Rio de Janeiro:** prophylaxia da syphlis. FMRJ, 1873. 203 f. Tese (Doutorado em Medicina) - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1873.

III – Jornais

MEDEIROS, M. de. “Centenário do Edifício Sede da Universidade do Brasil”. In: **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, (II), 1952.

IV – Fontes

Livro de registro de pacientes masculino nº 77 , Pavilhão de Observação. IPUB, 1905. p. 168-174.